

Apoteose do Bumbum

Francisco José Alves*

O bumbum ocupa, no imaginário sexual do brasileiro, um lugar especial. Ele é, de fato, a grande "preferência nacional". Do Norte ao Sul, do cimo à base da pirâmide social todos se irmanam na predileção erótica pela região glútea.

Esta característica do erotismo nativo tem fundas raízes na história do país. É algo que atravessa a nacionalidade desde os seus primórdios.

O Brasil foi colonizado norteadado pela crença difundida que debaixo do Equador não havia pecado. A "Terra dos Papagaios" era vista como paraíso permissivo. Lugar da sexualidade sem freios. Claro que os padres jesuítas reclamaram da devassidão dos colonos e suas cartas estão cheias de registros deste teor. Nóbrega e seus companheiros tentaram pôr nos trilhos da moral sexual cristã aquela sociedade emergente. Ao que parece, não tiveram sucesso. Os autos do Tribunal do Santo Ofício - A Inquisição - estão repletos de casos de brasileiros de todas as cores e status envolvidos com o "pecado nefando" ou o "danado pecado da sodomia". O coito anal era falta grave e muita gente teve que confessar e fazer penitência pela prática deste delito sexual.

A tradição se cristalizou no dito corrente: "Raimunda feia de cara mas boa de bunda".

O Brasileiro não perde a oportunidade de olhar uma mulher "boa de bunda" passando com seu bumbum reboante. É um fato do cotidiano, vivido e sabido de todos. A eleição da mulata como protótipo da mulher boa para copular evidencia a importância desta parte do corpo no nosso erotismo. A mulata é sempre aquela de bunda avantajada e arrebitada. Um ditado antigo dizia: "branca pra casar, negra pra trabalhar, mulata pra foder".

Outra evidência desta verdadeira monomania nacional é a obra pornográfica de Carlos Zéfiro. Os "caticismos" modelaram a fantasia sexual de muitíssimo número de adolescentes e rapazes nas décadas de 50 e 60. As revistinhas toscas passavam de mão em mão, escondidas nos livros escolares. Era o deleite da gurizada. Um motivo onipresente nas histórias de Zéfiro é a cópula anal. Rara é a narrativa onde o herói não sodomiza suas parceiras.

O bumbum, nos dias correntes, continua a ser uma área de alto valor erótico. Pesquisa recente, feita entre cariocas de ambos os sexos, revelou as nádegas como sendo a parte do corpo mais cobiçada por homens e mulheres da "Cidade Maravilhosa". Antenadas com este dado da cultura sexual brasileira, as academias criaram aparelhos para desenvolver, enrijecer e arrebitar os glúteos. E haja ma-lhação.

Por fim - mas não menos importante - há a avalanche de danças disseminadas pela Bahia. É somente observar atento: "dança da galinha", "dança da garrafa" e "dança da bundinha". Todas elas são, inequivocamente, simulações coreográficas do coito anal. Convite explícito à sodomia numa celebração dionisiaca do prazer sensual. O grupo "É o Tchan" explicita: "Bota a mão no joelho/dá uma abaixadinha/ vai descendo gostoso/balançando a bundinha". É a apoteose do bumbum.

Há de se perguntar qual o sentido desta orientação perversa da sexualidade cabocla. Sem pretender esgotar a questão, a predileção nacional pela bunda é, talvez, um indício da já notada bissexuali-

dade do brasileiro. Entre homens e usual se dizer: "bunda não tem sexo". Para o brasileiro comum é tão bom penetrar analmente uma mulher quanto um homem.

E aqui - como observou Gilberto Freire - se manifesta uma nítida associação entre penetração e subjugação social. O intercuro sexual é imaginado e vivido como sendo um ato no qual quem penetra domina o objeto penetrado (mulher, animal, homem). O sexo, no Brasil, metaforiza hierarquias sociais. O folclore linguístico traz muitos exemplos demonstrativos desta concepção. Segundo o mestre pernambucano, a sexualidade brasileira traz a marca do sadomasoquismo. É um campo agonístico.

* Mestre em Antropologia pela UNB, doutorando em História Social na UFRJ e prof. de Teoria, Metodologia e Historiografia Brasileira no Departamento de História da UFS.